

NÃO SE DEIXAR AFETAR É SINTOMA DE QUÊ?

Uma reflexão psicanalítica sobre o evitar do amor

Ricardo Gusmão³

I Afeto e Sintoma

Ao tratar da angústia no *Seminário 10*, Lacan afirma que ela não é um sintoma, mas sim um afeto (LACAN, 2005, p. 23). Indiretamente, essa afirmação nos revela outra: afeto e sintoma são conceitos distintos. Claro que essa diferenciação já estava presente na psicanálise muito antes de Lacan. Freud, em seus *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), já utilizava essa distinção para explicar a conversão histérica.

Pois vimos, para nossa grande surpresa inicial, que cada sintoma histérico desaparecia de imediato e sem retorno, quando conseguimos despertar com toda clareza a lembrança do acontecimento motivador, assim avivando igualmente o afeto que o acompanha, e quando, em seguida, o doente descrevia o episódio da maneira mais detalhada possível, pondo o afeto em palavras (FREUD, 2016, p.23).

Na psicanálise freudiana, o conceito de “afeto” refere-se às emoções que surgem como resposta a determinadas experiências subjetivas e através das quais as pulsões podem se manifestar, como alegria, tristeza, raiva, medo, etc. Esses afetos estão

³ Mestrando em Filosofia e Teoria Social (UFBA). Coordenador do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI).

acompanhados de uma representação, conceito que pode ser subdividido em “representação da coisa” e “representação da palavra” (FREUD, 1996, p.73). As representações da coisa são imagens mentais, ideias e lembranças, enquanto as representações da palavra estão relacionadas ao pensamento verbal. Vale lembrar que é a partir do conceito freudiano de “representação” que Lacan desenvolve o seu conceito de “simbólico”.

Em suma, um afeto geralmente está ligado a uma representação, e é na relação entre afeto e representação que surgem os sintomas (CAROPRESO, 2008, p.15). Um exemplo é quando um sintoma emerge por meio do recalque. Nesse caso, o afeto está inicialmente ligado a um conteúdo mental, uma representação nas palavras de Freud, ou um significante nas palavras de Lacan, que é considerado inaceitável para a mente consciente. O conflito interno gerado faz com que esse conteúdo seja recalado para o inconsciente. No entanto, embora o conteúdo possa ser recalado, o afeto não pode (LACAN, 2005, p. 23), e acaba resurgindo por outras vias, como nos sintomas físicos da histeria ou em outros comportamentos neuróticos.

Na psicanálise lacaniana, o conceito de “afeto” se conecta à dimensão simbólica, ou seja, à dimensão da linguagem e também à experiência do sujeito ao ser inserido nessa linguagem, que é herdada através dos significantes que o sujeito recebe do Outro. Para Lacan, o próprio inconsciente está estruturado como linguagem, o que significa que é somente através da linguagem que podemos conceber sua existência. O afeto, por sua vez, não pode ser dissociado da estrutura linguística, pois sentimentos e emoções também são organizados e expressos a partir dos significantes. E até mesmo a forma como são vivenciados e entendidos pelo sujeito, se liga totalmente ao processo de subjetivação

desse sujeito, que se dá através da sua inserção na linguagem e à maneira como este se posiciona dentro da ordem simbólica.

Já o sintoma consiste na forma pela qual o conteúdo recalado vem à tona. Quando falamos de sintoma pela perspectiva de Freud (FREUD, 2016, p.23), estamos conseqüentemente falando de recalque, ou seja, de ideias e desejos que, por serem motivo de conflito interno, são recalcados, removidos da consciência. Estes conteúdos, agora inconscientes, continuam tentando retornar e passam a se manifestar na forma de sensações, pensamentos, comportamentos ou psicossomatizações. Por exemplo, o medo que Ernst Lanzer (o homem dos ratos) sentia do seu pai ser torturado, seria um sintoma do ódio que ele sentia desse pai (FREUD, 2013, p.40), mas cujo significante “ódio” fora recalado, fazendo com que o afeto retornasse com um significante substituto, o “medo”. Os sintomas seriam, portanto, mecanismos de defesa, que ajudam a manter conteúdos dolorosos demais para o sujeito, distantes da sua consciência.

Na perspectiva lacaniana, os sintomas também são a maneira pela qual o sujeito consegue inscrever seu desejo no discurso (LACAN, 1992, p. 262-263), uma forma de dizer aquilo que está em seu âmago, mas que contradiz a imagem que ele criou de si com a intenção de apresentar ao Outro. Imagem esta, que não é outra coisa senão uma máscara frouxa que ele tenta a todo custo sustentar não só para o Outro como para si próprio. Através do sintoma, o sujeito do inconsciente (*Je*) fala as verdades que o eu da consciência (*moi*) não suporta encarar.

II Não se Deixar Afetar

A palavra “afeto” tem origem no latim *affectus*, que significa “sentimento” ou “estado de espírito” (FARIA, 1975, p.51). Af-

fectus deriva do verbo *afficere* (afetar), que, por sua vez, combina o termo *facere* (fazer) com o prefixo *ad* (em direção a), denotando o ato de afetar algo ou alguém. Dessa maneira, aquele que tem afeto por algo ou alguém está afetado por esse algo ou alguém. Entende-se, assim, que algo externo ao sujeito o afeta, fazendo com que sinta alegria, tristeza, raiva, medo ou amor.

Levando isso em conta, não parece tão estranho que algumas pessoas tenham receio de se colocar em situações nas quais possam se ver envolvidas por algum tipo de afeto, como ocorre com aquelas que temem entrar em relacionamentos nos quais possam desenvolver algo mais profundo. Abrir-se para o afeto é estar vulnerável; é poder ser afetado de forma positiva, mas também negativa, e isso pode, de fato, ser assustador.

Embora o mesmo fenômeno possa ser lido também através da perspectiva da insatisfação característica da histeria, o que proponho aqui vai pela linha da angústia e nesse ponto de vista podemos dizer que é essa vulnerabilidade gerada pela abertura aos afetos que leva muitas pessoas a adotar uma abordagem mais cética e distanciada em relação a eles, com o intuito de evitar o sofrimento que podem causar, como acontece com a paixão e o amor. Ao evitar se apaixonar, os riscos emocionais são minimizados, afastando as chances de que um envolvimento mais profundo com alguém resulte em trauma ou frustração.

Desde Freud, aprendemos que o ser humano, através do princípio do prazer, é inclinado a buscar satisfação e evitar dor e desconforto (FREUD, 2010, p. 123). Esse princípio está, inconscientemente, por trás da maior parte das nossas escolhas. Na atualidade, devido a fatores sociais, como o imediatismo promovido pelo capitalismo, há uma diminuição significativa da nossa tolerância às frustrações, o que também afeta a maneira de se

relacionar, fazendo com que a busca por segurança emocional frequentemente se sobreponha ao impulso de se entregar plenamente aos afetos. Afinal, permitir que alguém tenha o poder de provocar emoções em você pode ser visto como uma ameaça à sua própria autonomia. No entanto, por mais que se tente reprimir esses afetos, não é possível recalcar completamente, e eles tendem a retornar por meio de sintomas.

“o que eu disse sobre o afeto foi que ele não é recalado. Isso, Freud o diz como eu. Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalado. O que é recalado são os significantes que o amarram”. (LACAN, 2005, p.23)

Dessa forma, quando os significantes ligados ao afeto são recalados, o afeto fica descolado de sua formulação simbólica, mas não se torna inofensivo ao sujeito. Na ausência dos significantes que o amarravam, ele encontrará outras vias de expressão, manifestando-se, então, através do sintoma.

III Afeto, Sintoma e Angústia

Mas o que verdadeiramente se evita ao evitar os afetos? Arriscaria dizer que, em muitos casos, o próprio ato de reprimir um afeto ou recalcar seu significante pode ser uma ação sintomática, ou seja, uma ação imbuída de um sintoma que aponta para outra coisa. Nesses casos, a repressão do afeto e o recalque do seu significante original seriam mecanismos de defesa contra a angústia.

Na neurose, o sujeito busca a completude através do Outro. Isso significa que existe um movimento por parte do sujeito para tentar suprir sua falta, preencher seu vazio interno, por meio desse Outro. Assim, ele projeta no Outro da relação um meio de alcançar um estado de plenitude ou satisfação, que parece inacessível por conta própria. Todavia, esse vazio que o neurótico visa preencher está em sua estrutura, e não pode ser preenchido, nem jamais o será, mantendo-se como o princípio motor do seu desejo.

No entanto, de tempos em tempos, esse sujeito elege algo para fazer as vezes de objeto *a*, ou seja, para ocupar o lugar do objeto que, hipoteticamente, preencheria essa falta. Esse é um lugar provisório, no qual o objeto se fixa apenas temporariamente antes de cair, deixando o lugar vago novamente para outro objeto, que será, mais uma vez, provisório. Não é possível preencher realmente esse vazio, mas, diante da ameaça de tê-lo preenchido, o sujeito recua.

Esse sujeito, representado na obra de Lacan pela variável \$, é um sujeito barrado. Trata-se de um sujeito constituído pela linguagem e marcado pela falta que dela provém. A linguagem, na perspectiva lacaniana, é incapaz de dizer tudo, e ao formar esse sujeito, deixa um resto (LACAN, 2005, p. 129), uma sobra que não foi simbolizada e que permanece não dita pelos significantes. Esse resto, que ficou no Real durante a inserção do sujeito no campo Simbólico, é o autêntico objeto *a*, que sempre será inacessível, pois está fora da linguagem. Mas quando o sujeito elege algo para ocupar esse lugar, surge uma ameaça para ele.

O sujeito lacaniano é composto por significantes (Idem, p. 31), ou seja, ele é formado pela linguagem, mas não é apenas isso que o define. O próprio vazio, aquele resto que permaneceu no Real porque a linguagem não deu conta, é parte constituinte deste sujeito. Quando algo ameaça preencher esse vazio, não apenas ameaça completar o que está faltando, mas também cria a falta de um espaço que antes era faltoso. É a isso que Lacan chama de angústia: o afeto referente à falta dessa falta.

Na psicanálise lacaniana, entende-se que o sujeito precisa continuar desejando, pois é aí que reside sua humanidade (LACAN, 2005, p. 51). Para que isso ocorra, é necessário que ele continue faltante. A mera concepção de uma possibilidade real de preenchimento se torna, para esse sujeito, angústia, pois aponta, de certo modo, para sua aniquilação, já que ele está ancorado nesse processo de tentar dizer. Naquilo que a palavra não abarca, está o impulso que o impele a continuar buscando significação.

Dessa forma, uma leitura possível para esse receio em se entregar aos afetos reside na angústia diante de algo que ameaça completar o sujeito. Apenas ameaça, pois, como mencionado anteriormente, esse vazio não pode ser realmente preenchido. Diante dessa ameaça, o sujeito reage, lutando para que sua falta permaneça onde está, para que possa continuar desejando preenchê-la, e assim, continue sendo um sujeito.

REFERÊNCIAS:

CAROPRESO, Fátima. **O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud.** São Carlos: EdUFSCar, 2008

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português.** Rio de Janeiro: FENAME, 1975

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *In: Obras completas volume 14.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 3, pp. 51-74).* Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”] *In: Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910).* São Paulo: Companhia das letras, 2013

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 8: A Transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 10: A Angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005